

O desenraizamento religioso e o cientificismo como condicionantes catárticas do ateísmo freudiano

Families without religious roots and scientificism as cathartic conditioners of Freudian atheism

Luiz Alencar Libório*

Resumo

Este artigo considera o desenraizamento afetivo-religioso de Freud no seu contexto familiar e sociocultural e também visa a mostrar algumas críticas de neofreudianos e cientistas a Freud. Condicionado, conscientemente ou não, pelas representações (memórias) originárias, Freud não aprofundou as raízes afetivo-religiosas no chão pedregoso de sua infância. Suas primeiras experiências afetivo-religiosas (não tão positivas) foram como pedras escabrosas no chão de sua frágil existência. Com o drástico desaparecimento da babá Resi Wittek, as tenras raízes afetivo-religiosas do psiquismo de Freud praticamente perdem a inicial vitalidade. Freud tenta compensar essa perda com sua mãe, em nível de cuidados e afetos, a que não podia corresponder. Ela poderia somente oferecer-lhe um suporte em nível narcisista (jovem e bonita). Ele somente recebeu esse apoio afetivo-religioso de seu pai (Jakob), mais tarde, quando já marcado negativamente em seus relacionamentos com os primeiros objetos. Assim determinado, Freud se sente desamparado, em sua infância. Ao entrar na adolescência Freud se declara ateu, influenciado pelo ambiente cultural eivado do cientificismo ateu e de um radical anticlericalismo. Sem raízes afetivo-religiosas profundas, em nível experiencial, Freud não poderia ser uma árvore robusta na dimensão religioso-espiritual, apesar de tanto se preocupar com ela.

Palavras-chave: Práticas socioreligiosas; Identidade religiosa; Anticlericalismo; Dinâmica familiar; Cientificismo ateu.

Este artigo tem como objetivos tecer considerações sobre o desenraizamento religioso freudiano e a cultura cientificista do seu tem-

Artigo recebido em 31 de outubro de 2008 e aprovado para publicação em 2 de abril de 2009.

* Professor/pesquisador Adjunto I do Grupo de Pesquisa Recultur da Unicap, mestre e doutor em Psicologia da Família (2001) pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (UPS), professor no Mestrado de Ciências da Religião da Unicap e no Bacharelado de Teologia da Unicap e no Instituto Teológico do Recife *Sedes Sapientiae*, e-mail: laliborio@terra.com.br.

po como condicionantes catárticas do seu ateísmo (antiteísmo) bem **como expor algumas críticas feitas a Freud por neofreudianos e outros cientistas**. Freud era mesmo um ateu ou mais um antirreligioso? Quais as raízes religiosas familiares e culturais do seu ateísmo? Em que consiste realmente o ateísmo de Freud se ele tanto se preocupou com a religião?

Tentando refletir criticamente sobre essas questões, este artigo se divide em duas partes: 1) Fatores religiosos familiares e culturais como condicionantes catárticos da rejeição freudiana de Deus e 2) Críticas feitas a Freud e ao seu ateísmo.

Fatores religiosos familiares e culturais como condicionantes da rejeição freudiana de Deus

Sigmund Schlomo Freud nasceu no dia 6 de maio de 1856, na cidade católica de Friburgo (*Freiberg*), na Moravia (hoje Pribor, ex-Tchecoslováquia), sendo o primogênito de oito filhos do comerciante de lã Jakob Schlomo Freud e de sua segunda esposa Amalie Freud; seus pais eram descendentes de judeus galegos.

Em 1859, com a falência comercial do pai, a família mudou-se para Leipzig (Alemanha) e, em 1860, para Viena, Áustria, onde Sigmund Freud ficaria até junho de 1938, quando fugiu para a Inglaterra depois da invasão da Áustria por Hitler. Morreu em Londres, de um câncer no palato, aos 23 de setembro de 1939.

Freud foi um homem de seu tempo, sujeito às influências e condicionamentos circundantes e circunstantes. Freud se dizia ateu, mas outros o chamaram mais de antirreligioso. No entanto, ser ateu ou religioso nos remete a fatores condicionantes, sem com isso se querer explicar a contento a complexidade do fenômeno do ateísmo ou da religiosidade humanos.

Não é fácil tecer considerações sobre alguns fatores condicionantes, em nível familiar, religioso e cultural, que levaram Freud a posicionar-se negativamente diante da religião e de Deus, visto como projeção dos medos do homem primitivo ante uma natureza hostil e do pai enaltecido da horda primitiva (FREUD, 1913, p. 169-172), bem como do complexo de Édipo (FREUD, 1913, p. 185).

Tentar-se-á, no entanto, neste artigo, elencar e refletir sobre algumas das raízes religioso-afetivas do decantado ateísmo de Freud. Os principais fatores condicionantes do ateísmo freudiano parecem lançar

raízes em dois campos não tão férteis à sua religiosidade: 1) o contexto familiar: desenraizamento religioso e 2) as culturas cientificista e atea do século XIX: enraizamento catártico.

O contexto familiar: desenraizamento religioso

Freud, em sua teoria, afirma o poder duradouro das representações (memórias) originárias (as *imagos*) advindas do relacionamento com os primeiros objetos (coisas e pessoas) e que nunca desaparecem do psiquismo humano, determinando, consciente ou inconscientemente, a sua vida psíquica relacional futura (FREUD, 1914b, p. 243 *apud* RIZZUTO, 2001, p. 225).

Diante dessa afirmação, pode-se analisar várias experiências negativas e ambivalentes de Freud no que concerne à esfera afetivo-religiosa, a saber: 1) As relações objetais na infância, ambivalência emocional e ansiedade: 2) As relações de amor e cuidado com as pessoas no dia-a-dia e na clínica.

As relações objetais na infância, ambivalência emocional e ansiedade

A mãe, em geral, é o primeiro objeto de amor da criança, é ela que, juntamente com o leite materno, introduz inconscientemente a criança na esfera afetivo-religiosa, mesmo que imitando os adultos (PIAGET, 1976 *apud* LIBÓRIO, 2005, p. 10), causando a ausência da mãe angústias e ansiedades.

Enrique Pichon-Rivière afirma que a angústia e a ansiedade são problemas fundamentais em psicanálise e devem ser interpretadas como um sinal de alarme (PICHON-RIVIÈRE, 1980, p. 139).

Freud sofreu não correspondência e perda de objetos de amor que lhe causaram certa ansiedade (RIZZUTO, 2001, p. 227-228, 238, 248 e 250). No que concerne à ansiedade depressiva, afirma Pichon-Rivière:

O homem vive duas classes de perigos: uma se vincula à perda de objetos de amor e está relacionada à libido, a outra se vincula à morte ou destruição do eu e está relacionada à agressão. (...) A ansiedade depressiva está relacionada com a perda de objetos infantis de amor, fato que ocorre durante o processo de desenvolvimento da personalidade. (PICHON-RIVIÈRE, 1980, p. 139)

Freud viveu muito essas ansiedades e angústias durante a sua vida, especialmente na fase estruturante da infância e da adolescência, de-

envolvendo certa agressividade que se concretiza na teoria da horda primitiva, aplicando-a à religião e ao complexo de pai-Deus.

A mãe de Freud (Amalie) não lhe passou muita coisa no campo afetivo-relacional, tendo tido Freud tardiamente um maior apoio nesse campo de seu pai (FREUD, 1927, p. 24), que se lhe apresentava emocionalmente ambivalente.

A ligação de Freud com sua mãe era mais em nível narcisista. Ele a achava jovem e bonita e ela o chamava de “meu Sigi de ouro”, mas, segundo Freud, a sua mãe não cuidava dele e sim a babá, com quem manteve um vínculo emocional muito forte, ativando seus afetos e sexualidade.

Na tenra infância de Freud, a convivência com sua babá católica, Resi Wittek, é muito ambivalente. De um lado, a babá o introduz na esfera do divino, criando nele representações de um Deus invisível e punidor, o medo do inferno, que se metia nas pessoas, os rituais repetitivos da missa católica e a concepção de um Deus Senhor da morte (RIZZUTTO, 2001, p. 224).

De outro lado, Freud vê a sua babá como alguém que “contribuiu para o seu sentimento de grandeza, estimulou sua sexualidade, contribuiu para a sua concepção de si” (RIZZUTO, 2001, p. 229), tendo a experiência negativa com a religião moldando um Freud adverso à religião e a Deus.

O relacionamento com a mãe, afirma Ana-Maria Rizzuto, deve ter gerado em Freud representações de um Deus que o levaram a querer “libertar-se” dessa mãe-Deus, possessiva, exigente e emocionalmente inacessível e que representava mais a morte do que a vida.

Isso é tão verdade que, quando sua mãe Amália morreu, Freud teve sentimentos de libertação, alívio, não sentindo dor nem pesar por sua morte, não tendo inclusive ido ao funeral (RIZZUTO, 2001, p. 229).

Sua mãe (e Deus) eram símbolos da morte imposta por Deus ao homem (Gn 3,19). Freud confessa um tremendo desespero com a brusca partida da babá, com as mortes de membros de sua família dos quais sua mãe era o grande símbolo, tendo-lhe mostrado um dia a terra de suas unhas (RIZZUTO, 2001, p. 229).

Nesse período da infância, em que as raízes fundamentais da personalidade são estruturadas e revigoradas, Freud teve um chão pedregoso que não lhe permitia raízes sólidas e profundas, especialmente no que concerne à religião e a Deus.

Os relacionamentos de amor e cuidado após a infância

Quando a babá desapareceu repentinamente e sua mãe não preencheu esse vazio deixado, Freud compensa esse vazio, voltando-se para o seu despreocupado pai em busca de proteção e auxílio (RIZZUTO, 2001, p. 231). “O vínculo se tornou profundo e duradouro, matizando todos os aspectos da vida de Freud até o fim” (SCHUR, 1972 *apud* RIZZUTO, 2001, p. 231). Na sua adolescência (17 anos), Freud transfere o seu amor para a namorada Gisela (FREUD, 1899, p. 313 *apud* RIZZUTO, 2001, p. 228) e, mais tarde, na sua juventude, para a noiva Martha, de quem se separa, perdendo-a para o amigo Fritz Wahle.

Com essas perdas e outras, desintegradoras do psiquismo freudiano, ele desenvolveu um ritualismo compensatório através de suas desesperadas “caminhadas noturnas” (RIZZUTO, 2001, p. 228-229), declarou-se um desenraizado e arruinado na vida, um carente de muito consolo e proteção (JONES, 1953, p. 130).

Os esteios do Freud infantil desaparecem abruptamente: a ama, a igreja e Deus, abalados pela constante ausência da mãe, que só cuidava dele fisicamente, faltando aquele afeto terno e materno tão estruturador de nossas personalidades em seus primórdios. Eis radicalmente o grande desenraizamento objetal e relacional de Freud.

Winnicott descreve muito bem a importância dos cuidados globais maternos durante a infância dos filhos. Não só os cuidados físicos e materiais (alimento, higiene etc.) devem acontecer, mas essencialmente o afeto e a boa maternagem tão fundamentais também na fase dos objetos transicionais (WINNICOTT, 2002, p. 67).

Jakob, pai de Freud, inicialmente forte e distante como em geral os pais de uma família patriarcal, esteve muito ausente em sua infância, pois geralmente a criança é cuidada pela mãe.

Essa ausência do pai Jakob certamente o desinstalou afetivamente, influenciando na não superação do complexo de Édipo.

O pai de Freud se aproxima mais dele em sua fase de latência, quando as representações originárias dos relacionamentos com os primeiros objetos (infância) já o marcaram com um poder duradouro. Como o próprio Freud afirma: “Todas as suas [da criança] escolhas posteriores de amizade e amor são determinadas pelos traços de memória deixados por esses primeiros protótipos (...), as *imagos* – não mais lembradas” (FREUD, 1914b, p. 287).

E quando Freud começa, na infância, a espelhar-se e a apoiar-se no pai Jakob, impossibilitado de sustentar a família pela crise econômica e, mais tarde, na adolescência, quando admirava seu tio preferido, Joseph Freud, acontece a condenação dele por falsificação de rublos. Isso tudo o deixa mais desenraizado ainda, psicodinamicamente falando.

O Deus que seu pai lhe apresenta na fase da latência (e mais tarde a bíblia de Philippon) já não lhe dava mais condições de aprofundar as frágeis raízes afetivo-religiosas que adquirira na infância ante tanto abandono e desespero, que não foram sanados na adolescência.

Como afirma Ana-Maria-Rizzuto: “A adolescência pode ser vista como oferecendo uma segunda chance para se lidar com situações de risco opressoras (em relação ao id, ao superego e à realidade) que sobreviveram ao período da infância” (RIZZUTO, 2001, p. 235).

Mas isso não aconteceu. No fim da adolescência, Freud se tornou um ateu convicto, “um judeu sem Deus”, corroborado o seu ateísmo pelo ambiente acadêmico, entre outras variáveis culturais do século XIX.

Na idade adulta, inclusive o encontro, em sua clínica, com o material neurótico de fundo religioso de seus clientes, exacerbou tanto o seu ateísmo que ele o expõe em seus quatro grandes livros sobre a religião: **Totem e tabu** (1913), **O futuro de uma ilusão** (1927), **Mal-estar na civilização** (1930), e **Moisés e o monoteísmo** (1939), entre tantos outros artigos e trabalhos.

Freud era um ateu preocupado com o sagrado e Deus, devido a fatores vários, como se viu acima.

De fato, a família, como primeiro lastro da formação individual e social, é muito importante na formação dos vários esquemas que vão nortear a vida, seja consciente ou inconscientemente.

São vários os fatores conscientes e inconscientes que condicionaram a vida e o ateísmo de Freud, como afirma Wondracek:

O ambiente familiar judaico, a babá católica (Resi Wittek, que passou só dois anos com Freud), a ligação filial com o professor de religião judaica Samuel Hammerschlag, a leitura da Bíblia de Phillipson, na tenra idade, a filosofia natural vigente durante a sua juventude, a falta de uma experiência religiosa pessoal séria e a restrição do contato com o religioso no material dos pacientes. (WONDRACEK, 2003, p. 177-178)

Em nível afetivo-familiar (Complexo de Édipo), Freud, numa carta a Fliess (15/10/1897), afirma que “descobriu em si mesmo o fenômeno de se apaixonar pela mãe e ter ciúmes do pai” (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 46). No que diz respeito à identificação de Freud com a sua ama, na

mesma carta a Fliess (15/10/1897, p. 271), Freud formulou a equação: “eu = ela (a ama), e a mãe do médico é igual à minha mãe” (RIZZUTO, 2001, p. 227).

No que se refere à religiosidade da família **Freud**, Ernest Jones, judeu, biógrafo de Freud, também descreve que a religião teve pouquíssima importância na vida da família de Freud:

Ele (Freud) cresceu privado de toda crença num Deus ou na imortalidade e não parece ter sentido necessidade disso. As necessidades emocionais que costumam manifestar-se na adolescência encontram expressão, a princípio, em cogitações filosóficas bastante vagas e, logo depois, numa fervorosa adesão aos princípios da ciência. (JONES, 1953, p. 22 *apud* PALMER, 2001, p. 15)

Ernest Jones comenta que “talvez a ação terrificante da babá católica tenha contribuído para a sua posterior aversão às crenças e cerimônias cristãs” (JONES, 1953, p. 21 *apud* PALMER, 2001, p. 16).

Paul Roazen (1975, p. 251 *apud* PALMER, 2001, p. 16) afirma que “seu repúdio à religião pode ser inversamente devido a algum tipo de anseio inconsciente por aquilo que estava rejeitando”.

Já outros autores atuais (Pfrimmer, Rizzuto, Fuks) indicam que Freud era bastante preocupado com a questão religiosa do homem de seu tempo (WONDRACEK, 2003, p. 178).

O próprio Freud, em 1926, em sua mais explícita referência à sua formação religiosa, agradecendo à Associação B'nai B'rith de Viena, que o homenageou em seu 70º aniversário, escreve: “Sempre fui um descrente, tendo sido criado sem religião, mas não sem respeito pelas chamadas exigências ‘éticas’ da civilização humana” (FREUD, 1926 *apud* PALMER, 2001, p. 15).

Segundo Daniel Delouya (2000 *apud* WONDRACEK, 2003, p. 178), a família Freud, como muitas outras famílias judias, sofre a perda do valor religioso pelos seguintes motivos:

- por viverem num século de certa ojeriza às igrejas (anticlericalismo), com pouca frequência a elas;
- por migrarem para um centro maior, perdendo a referência sustentadora da comunidade judaica de origem;
- pela emancipação dos judeus, no século XIX, provocando a dispersão e a inserção na cultura vigente, marcada por um desprezo leigo pela religião;
- por uma nova cosmovisão (“a religião dos judeus sem religião”), deixando a visão bíblica de lado, embora mantendo alguns princípios religiosos, a saber: 1) todo judeu se sentirá ante Deus igual

a qualquer outro judeu; 2) importância primordial da justiça; 3) importância da lei como saber e razão que regula a vida;

- ausência da ideia de um “além”, substituída pela materialização do mérito em vida, aqui na terra (BIENENFELD, 1989, p. 67 *apud* WONDRAČEK, 2003, p. 179).

O “antissemitismo católico” foi algo que marcou muito a família de Freud, especialmente os insultos que dirigiram a Jakob Freud por ser judeu diante do filho, numa rua de Viena.

Freud sentia-se como judeu, orgulhava-se de sê-lo. Mas isso o fez sofrer, embora no ginásio, sem qualquer dúvida, ele fosse o primeiro da classe e só raras vezes tivesse que fazer provas. Sua posição de marginalizado na escola e no ginásio foi semelhante à de Karl Marx: ele tinha poucos amigos não-judeus; humilhações de toda sorte por parte de “cristãos” antissemitas faziam parte de sua experiência diária (...) como também seu pai. (KÜNG, 2005, p. 17)

O “ritualismo católico”, de certo modo, saturou a criança Freud. “A babá de seus primeiros anos, uma velha e boa católica tcheca, embora também rigorosa, incutiu no garoto ideias católicas de céu e inferno e, provavelmente, também de salvação e ressurreição, e costumava levá-lo consigo para a missa católica”. Depois, em casa, o pequerrucho imitava os gestos litúrgicos, pregava e explicava “como o bom Deus fazia” (KÜNG, 2005, p. 16).

É claro que outros fatores (o darwinismo, o marxismo, a escola de Helmholtz) também contribuíram para minar o chão religioso-afetivo de Freud. O contexto cultural cientificista e ateu era também muito forte para o enraizamento do ateísmo catártico freudiano.

A cultura cientificista do século XIX: enraizamento catártico

Freud, marcado negativamente em sua infância, em nível afetivo-religioso, pratica a sua catarse, em níveis consciente e/ou inconsciente, aceitando o cientificismo ateu do seu tempo com o conseqüente ataque a Deus e à religião, tão eivada do poder político.

Para isso, a psicanálise se torna o instrumento com o qual destila, através das teorias da horda primitiva e do totemismo, sua rejeição à religião e a Deus, concebido como figura “enaltecida” do pai da horda primitiva e a religião como neurose universal.

O “cientificismo” do tempo de Freud afirmava que o futuro pertence à objetividade da ciência e que, portanto, a “ilusão religiosa” não

se sustentará em longo prazo. Ele imagina que a ciência destruirá as ilusões das crenças. Freud retoma a oposição entre a *episteme* (conhecimento) e a *dóxa* (crença, opinião) feita pelos gregos, no século VI a.C. (PAULY *apud* WONDRACEK, 2003, p. 153).

Pode-se afirmar que o cientificismo de Freud tem as seguintes vertentes:

- A “filosofia de Feuerbach” tinha grande influência no tempo de Freud. Feuerbach via, em **Essência do cristianismo**, a religião como a condição infantil da humanidade, uma ilusão a partir da alienação do homem com relação a si mesmo e ao seu mundo, segundo a qual ele projeta num deus todas as qualidades de que ele mesmo carece (FEUERBACH, 1997, p. 149).
- O “Iluminismo”, onde só vale o que é racional. Só o sentimento não conta. Freud aceita a tese do filósofo alemão Ludwig von Feuerbach, hegeliano de esquerda, de que a religião é uma construção humana, uma ilusão. Considerava seu dever desmascarar a teologia, revelar suas raízes puramente mundanas na experiência humana. A doutrina e o método de Feuerbach tinham o propósito de formar ateístas, resgatar a verdadeira essência da religião e também queriam “destruir a ilusão da religião” (GAY, 1989, p. 43). Freud herda, de certo modo, essa luta de Feuerbach. A contribuição de Freud foi relacionar a religião às experiências infantis. A criança teme o poder dos pais e depende de sua proteção. Assim, a religião faz em relação a Deus.
- O “empirismo” de Locke (filósofo inglês) influenciou também a Freud. A tradução do livro de Locke **Um ensaio sobre o entendimento humano** (1690) – rejeitando as ideias inatas e afirmando que a fonte de nossos conhecimentos seria a experiência, isto é, a sensação ajudada pela reflexão – invadiu o continente europeu e provocou uma revirada com as seguintes características: a razão não é mais sinônimo de pensamentos ideais, mas é vista como a capacidade de combinar sensações provindas dos órgãos dos sentidos com reflexões. A única metafísica válida é a identificada com o empirismo. Já não interessam as ideias puras (WONDRACEK, 2003, p. 169). Como se pode observar, há toda uma rejeição ao que é inato, ideal, sem base na realidade, como fazia a religião, havendo a supremacia do racional, empírico, real.
- O “determinismo” também campeava. Por toda a sua vida, Freud foi um rígido determinista. Isto é, sustentava a opinião de que to-

dos os fenômenos, incluindo todas as escolhas e ações humanas, operam de acordo com o princípio da causação universal, isto é, o princípio de que todo evento (efeito) tem uma causa.

Em termos psicanalíticos, poder-se-ia traduzir essa ideia da seguinte maneira: é o inconsciente que determina quais serão o impulso e a ação conscientes, havendo uma estreita correlação entre o trauma original enquanto causa e os sintomas manifestos enquanto efeitos – até o ponto mesmo de a lembrança de um produzir o desaparecimento do outro (PALMER, 2001, p. 18).

- O “estoicismo” (fundado por Zenon, 300 a.C) também exerceu influência sobre Freud. Zenon ensinava a resignação lúcida diante do inevitável da vida. Freud procurou livrar-se de um pensamento baseado apenas no desejo e apostou todo o seu otimismo em uma visão de ciência que busca eliminar o pensamento sem confirmação na realidade (FRANCO *In*: WONDRACEK, 2003, p. 60).

- O “romantismo” florescia, em finais do século XVIII e ao longo do século XIX. Como afirma Herrera: “Há, portanto, uma linha de pensamento convicta de que a realidade evolui de um modo positivo até a sua perfeição e esta realidade poderá ser cada vez melhor entendida e dominada pela força da razão” (HERRERA, 1989, p. 99 *apud* WONDRACEK, 2003, p. 170).

Do romantismo Freud herda:

- a ideia de que a realidade é racionalidade e perfeição;
- a razão, como princípio e força infinitos;
- o providencialismo histórico, com reconhecimento da bondade em cada etapa.
- O “positivismo” (séc. XIX) era o romanticismo da ciência (WONDRACEK, 2003, p. 170). A ciência passa a ser considerada a única manifestação legítima do Infinito, dando-lhe conotações quase religiosas, constituindo-se alternativa às religiões tradicionais e fundamento único das normas éticas. Como consequência, todo sobrenatural, visto como oponente ao científico, é considerado como inimigo do humano e deve ser eliminado (ABBAGNANO, 1978 *apud* HERRERA, 1989, p. 99).

O positivista Augusto Comte (1798-1857), que pretende estabelecer uma filosofia da história sob a perspectiva de um desenvolvimento progressivo, teoriza que a humanidade atravessa três estados sucessivos e excludentes:

- o teológico ou fictício (para Freud: animista);
- o metafísico ou abstrato (para Freud: religioso);
- o positivo ou real (para Freud: científico).

Freud toma de Comte essa concepção, base de seus postulados para o estudo da religião. Como essas fases são excludentes, com o progresso da ciência, a religião desapareceria.

Freud herda do positivista Franz Brentano (1838-1917) as bases para entender a psicologia como ciência empírica, e o amor/ódio como estrutura fundamental da consciência, assim como o prazer/desprazer.

Do positivista Brücke (1819-1892) Freud recebe o influxo de dar vigor à verdade de que não existem no organismo outras forças ativas do que as físicas e químicas (juramento da Escola Médica de Helmholtz, partidária do materialismo e do evolucionismo).

- Filosoficamente, o “pessimismo” de Schopenhauer (1788-1860) contaminou o pensamento freudiano que a psicanálise posterior se viu, com toda razão, obrigada a questionar. Esses pensamentos influenciaram, em grande parte, a posição antirreligiosa adotada em seus escritos (MORANO, 2003, p. 89).

- O “materialismo” na medicina era muito forte. Muitos famosos médicos e cientistas contemporâneos de Freud eram religiosos (Hermann Lotze, Wundt, Kocher; físicos como Descartes, Einstein, Newton, Faraday, Robert Mayer; químicos como Justus Liebig; biólogos como Oswald Heer, Darwin, Pasteur; matemáticos como Leibnitz, Pascal, Gauss etc.), mas Freud se espelhou mais em colegas da Escola Médica de Hermann Helmholtz, como Brücke, Émile du Bois-Reymond e Carl Ludwig, que viam a religião como hostil à razão, devendo-se “educar para a realidade (Freud)”, ou seja, educação sem religião, pois a razão seria debilitada pela religião (PFISTER, 1928, p. 149-184 *apud* WONDRACEK, 2003, p. 36-37).

Peter Gay tem razão quando observa: eles (os materialistas médicos) não o transformaram num ateu; não despertaram sua hostilidade para com a religião, mas lhe deram os melhores fundamentos para as duas coisas (GAY, 1987, p. 60 *apud* PALMER, 2001, p. 18).

Há, também um antagonismo entre ciência e fé, que Freud herda de Copérnico, Kepler, Newton e Darwin.

Portanto, todo aquele que se considera médico e empirista tem de ser um ateu. Ciência e fé são incompatíveis. Para Freud isso era uma coerência lógica e não apenas uma escolha (PALMER, 2001, p. 19).

No entanto, essa lógica freudiana traz em si um sofisma.

- 1) A psicanálise descobriu que X são os sintomas da neurose.
- 2) Ora, a religião exhibe X.
- 3) Logo, a religião é uma neurose.

O sofisma está claro! A segunda premissa nem sempre é verdadeira! Na conclusão do silogismo, não se pode passar do individual ao geral assim tão facilmente!

- O “evolucionismo” de Lamarck e Darwin também exerceu muita influência sobre Freud e sua vida acadêmica. Assim se refere Freud ao evolucionismo quase aos 70 anos: “A doutrina de Darwin atraía-me fortemente, porque prometia um extraordinário impulso para a compreensão do mundo” (FREUD, 1933, p. 34 *apud* KÜNG, 2005, p. 31). A ideia da evolução não só na biologia, mas também nas ciências naturais agradava muito a Freud.

Freud também tinha “causas psicanalíticas” para seu ateísmo. Segundo Emil Ludwig, Freud agiu assim com a religião porque era incapaz psicologicamente de agir de outra maneira.

Em outras palavras, alega-se que todo o empreendimento de Freud é suspeito, porque ele mesmo sofria das mesmas neuroses e obsessões (era supersticioso, acreditava em sortilégios, “atos sacrificiais”) que descobria em seus pacientes. O que ele julgava neurótico na religião era o que havia de neurótico em si mesmo, acontecendo a projeção catártica na religião.

E continua Emil Ludwig com relação a Freud:

Milhares de pessoas saudáveis são declaradas doentes porque um homem estava doente e acreditava que os sintomas desagradáveis advindos de sua infância eram comuns a todos. O mundo é sexualizado, toda motivação é pervertida na fonte, porque uma natureza obstinada conseguiu impor suas visões patológicas às pessoas feitas de uma matéria menos resistente. (LUDWIG, 1973, p. 282 *apud* PALMER, 2002, p. 21-22 e nota 22)

Portanto, segundo Ludwig, o tipo de personalidade de Freud é que gerou toda essa celeuma.

- A “filosofia de Kant” também influencia Freud. Na segunda metade do século XIX, há uma retomada da filosofia de Kant em oposição a Hegel. Em Kant, havia fundamentos para limitar a metafísica e privilegiar o discurso científico, enquanto que, em Hegel, essa oposição estava silenciada (BIRMAN, 1994, p. 18).

Freud admite em **O futuro de uma ilusão** (p. 44): “Não disse nada que outros homens melhores do que eu já não tenham dito antes

de mim, de modo mais completo, vigoroso e impressionante (...) Tudo o que fiz – e isso constitui a única coisa nova em minha exposição – foi acrescentar certa base psicológica às críticas de meus grandes predecessores” (FRANCO *In*: WONDRACEK, 2003, p. 67).

Das **Cartas de Freud** (1926) finalmente se conclui, afirma Palmer, que:

O ateísmo de Freud era em larga medida intelectual e formal: ele repudia tanto os argumentos da religião como suas observâncias rituais. Mas isso não era um repúdio à sua própria identidade judaica, que ele denomina “judaísmo de afirmação da vida” e que requeria uma firme adesão aos valores familiares e aos mais elevados padrões morais, ao lado de uma preocupação com a justiça social e uma grande tenacidade diante da perseguição. (...) Porém Freud valorizava acima de tudo a independência de pensamento e a coragem intelectual judaicas, características que atribui com justiça a si mesmo. E talvez não seja inteiramente por acaso que o primeiro advogado da psicanálise seja judeu. Professar a crença numa nova teoria requeria um certo grau de propensão a aceitar uma posição de oposição solitária... posição à qual ninguém está mais acostumado do que um judeu. (FREUD, 1925 *apud* PALMER, 2001, p. 17)

Diante do acima exposto, pode-se temerosamente concluir que Freud era um ateu muito devotado negativamente à religião, ao menos do ponto de vista intelectual. Não é sem razão que escreve muitos importantes artigos e livros sobre a religião, a saber: 1) “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901), “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907), “Estudo sobre Leonardo da Vinci” (1910) e tantos outros trabalhos sobre temáticas religiosas já citados (p. 6).

Portanto, o ateísmo de Freud era *sui generis*, familiar, multifacetado, intelectual-formal, ambivalente, como, aliás, toda a sua existência como homem e cientista, pai da psicanálise, trazendo também uma contribuição para a purificação da religião de seu tempo, bastante afetada pela puritanização, que gerou um crasso anticlericalismo e especialmente zelando pela saúde psíquica e espiritual de tantas pessoas tão marcadas por neuroses de matiz religioso. A grande maioria de seus clientes era constituída por neuróticos.

Freud tentou ser, com a psicanálise, como ele mesmo admite, um novo Moisés que liberta as pessoas de um outro tipo de escravidão: a político-religiosa exercida pelas Igrejas Cristãs de seu tempo.

Sem dúvida, Freud ajudou muito na purificação da ganga (estratificação, dogmatismo) que as religiões adquirem ao longo dos tempos, especialmente em nível afetivo-sexual e religioso, tendo sofrido muitas rupturas por parte de seus seguidores (Jung, Adler etc.) e críticas à sua

teoria da horda primitiva e ao seu ateísmo até por simpatizantes e neofreudianos como B. Malinowski, E. Fromm, D. Winnicott e Ana-Maria Rizzuto, entre outros.

Críticas feitas a Freud e ao seu ateísmo

O etnólogo norte-americano de origem polonesa, Bronislaw Malinowski, embora fortemente influenciado por Freud, afirma a não universalidade do complexo de Édipo, que só aconteceria em famílias de tipo patriarcal do Ocidente e não em famílias matrilineares das ilhas Trobriand, onde fez pesquisa.

A pesquisa de Malinowski faz ruir a teoria segundo a qual os desejos edipianos recalcados são o nosso legado comum. Malinowski critica a existência do próprio crime original.

E sobre o crime original continua Malinowski:

As condições necessárias do crime primitivo não existiam no âmbito da família antropóide pré-humana, e (...) na verdade, as condições necessárias para que isso acontecesse constituiriam um legado letal para qualquer espécie animal... É difícil perceber que a horda primitiva foi equipada com todos os vieses, desajustes e o mau humor de uma família europeia de classe média, sendo então lançada numa selva pré-histórica para batalhar nos termos de uma hipótese mais atraente, porém fantástica. (MALINOWSKI, 1958-59, p. 45, p. 120-145 *apud* PALMER, 2001, p. 90)

Malinowski critica as lembranças do crime passadas de geração em geração e as heranças da vida animal. Ele rejeita a alegação freudiana de que o apego infantil à mãe tem caráter essencialmente sexual (mãe-incesto). Ele afirma que o complexo de Édipo não é inato nem sexual.

O psicanalista Erich Fromm apoia as conclusões de Malinowski e afirma que o que intriga em Freud é a generalização que faz de tudo.

Não há dúvida de que certas culpas têm a forma edipiana, algo que pode, de fato, explicar parte da demanda por um pai-Deus protetor, mas isso não quer dizer que *toda* culpa seja edipiana, transmitida por meio de alguma espécie de mente coletiva, e que *toda* orientação religiosa para uma imagem do pai-Deus constitua um “retorno do recalcado”.

O relacionamento do filho com o pai pode ser, de fato, conflituoso, e conter mesmo tendências sexual-agressivas, mas isso não quer dizer, ao contrário do que Freud claramente sugere, que é um relacionamento que tem de ser superado, que sua continuidade, mesmo no contexto religioso, seja um sinal de imaturidade (PALMER, 2001, p. 90-96).

Outra crítica feita a Freud é que falta na sua concepção de Deus o elemento feminino.

Deus, para Freud, é somente masculino. Apesar de se dizer admirador das mulheres, Freud revela tendência machista. Isso levou a feminista Mary Daly a dizer: “Se Deus é macho, então o macho é Deus” (PALMER, 2001, p. 98).

Sobre a concepção masculina de Deus, o psicólogo da religião Antoine Vergote (Louvain-Bélgica) submeteu a um questionário cerca de 400 estudantes. Vergote concluiu que, embora seja mais paternal do que maternal, a imagem de Deus não é exclusivamente masculina.

Na verdade, os objetos de desejo da criança, proteção, providência e cuidado – que, de acordo com Freud, são projetados na noção de Deus-Pai – são, com efeito, valores maternais (PALMER, 2001, p. 98, nota 36).

Donald Winnicott, estudioso das “relações de objeto”, critica o papel da ilusão em Freud. Para Winnicott, ilusão é uma “forma desenvolvimentista de transição para a realidade” pela utilização de “objetos transicionais”. Para Freud, ilusão é contra a realidade. E se sabe que é a ilusão que toca a história humana para a frente!

E Deus, como é concebido em nível de “objetos transicionais”?

Ana-Maria Rizzuto, em seu estudo pioneiro, **The birth of the living God** (O nascimento do Deus vivo, 1979), afirma que Deus não é uma alucinação nem algo totalmente subjetivo, localizando-se, para usar a expressão de Winnicott, “fora, dentro, nas fronteiras” (RIZZUTO, 1979, p. 209 *apud* PALMER, 2001, p. 101).

Segundo o “espaço transicional” do neofreudiano, Winnicott: “A religião não é uma ilusão no sentido freudiano – ela não é contrária à realidade nem é infantil – sendo antes parte integrante do ser humano” (RIZZUTO, 2001, p. 202 *apud* PALMER, 2001, p. 102).

E Ana Maria Rizzuto, ao analisar seriamente a teoria geral de Freud à luz dos “objetos transicionais” de Winnicott, conclui:

Cheguei ao ponto em que meu afastamento de Freud é inevitável. Freud considera Deus e a religião uma ilusão infantil irreal (...).Tenho de discordar. Realidade e ilusão não são termos contraditórios. A realidade psíquica – cuja profundidade Freud desvelou com tanto brilhantismo – não pode ocorrer sem espaço transicional especificamente humano da brincadeira e da ilusão. Pedir ao homem que renuncie a um Deus no qual ele acredita pode ser tão cruel e sem sentido quanto privar a criança de seu ursinho a fim de que ela possa crescer. Sabemos hoje que os ursinhos não são brinquedos para crianças mimadas, porém parte da substância ilusória do crescimento. Cada estágio de desenvolvimento tem objetos transicionais apropriados à idade e ao nível de

maturidade do indivíduo. Após a resolução edípica, Deus é um objeto potencialmente adequado e, se atualizado no curso de cada crise do desenvolvimento, pode permanecer como tal na maturidade e no resto da vida. Pedir a um indivíduo maduro e funcional que renuncie a seu Deus equivaleria a pedir a Freud que renunciasse à sua própria criação, a psicanálise, bem como a promessa “ilusória” quanto àquilo que o conhecimento científico pode fazer. Essa é, na verdade, a questão principal. Os homens não podem ser homens sem ilusões. O tipo de ilusão que escolhemos – a ciência, a religião ou alguma outra coisa – revela nossa história pessoal e o espaço transicional que cada um de nós criou entre seus objetos e seu próprio ser a fim de encontrar “um lugar de descanso” no qual possa viver. (RIZZUTO, 1979, p. 209 *apud* PALMER, 2001, p. 102)

São tantos outros críticos de Freud, tanto do ponto de vista positivo quanto negativo no que concerne à sua teoria geral, especialmente Carl Gustav Jung e Viktor Emil Frankl, pai da logoterapia, que tão bem valorizaram a função da religião na existência humana, apesar do tempo-espaço, filosofias e culturas.

Conclusão

Freud é uma pessoa fruto do seu tempo e do seu meio cultural e religioso.

Sem dúvida, ele foi condicionado também por muitas correntes de pensamento então vigentes em sua época: o cientificismo, o materialismo, o evolucionismo, o racionalismo, o anticlericalismo, suas experiências antissemitas, entre outras.

No entanto, o seu desenraizamento afetivo-religioso familiar na infância, as influências um tanto nefastas para uma criança pequena como Freud por parte da babá Resi Wittek, despedida repentinamente por roubo, e o clima cientificista ateu reinante na faculdade de medicina e nos meios culturais de então, tudo isso levou o jovem Freud a optar pelo ateísmo em voga após Nietzsche, Feuerbach, Marx e Darwin, entre outros tantos médicos da Escola Médica de Helmholtz, na Alemanha.

Tudo indica que o ateísmo freudiano parece acontecer, em suas raízes inconscientes, como catarse a todo o vazio afetivo-religioso familiar e às perdas afetivas e rejeições sofridas durante a sua infância, juventude e idade adulta, tudo isso corroborado pelo ateísmo vigente no campo das ciências de então que, como antítese, tentavam fazer ruir o teocentrismo teologicamente radical e politicamente explorador e dominador.

As críticas feitas a Freud jamais tirarão dele o mérito de ter descoberto a psicanálise, que ajudou tanto a cultura, a filosofia e a religião a conceberem um novo homem, que não é mais só consciente, porém muito mais inconsciente, configurando-se mais como um mistério ambulante.

Sem dúvida, Freud tocou nas feridas de muitas grandes religiões que, em vez de respeitosamente orientarem para a felicidade e a realização humanas, castram o homem no que ele tem de mais lindo: a sua afetividade e sexualidade tão eivadas de puritanização e pecado.

Concluindo, pode-se dizer que Freud foi um ateu que fez muito bem ao teísmo, com sua preocupação com a dimensão religiosa do homem, a partir das profundezas do inconsciente humano tão recalcado pela cultura do seu tempo.

De certo modo, Freud tem razão quando se considera um novo Moisés, só que psicanaliticamente concebido e esculpido.

Pena que foi bastante reducionista, assassinando Deus e endeuando catarticamente a ciência, antídoto para todos os males!

Abstract

This article considers Freud's affective and religious emptiness in his family and cultural context, and points out some criticisms made of him by neo-Freudians and scientists. Conditioned, consciously or not, by original representations (memories), Freud did not develop affective and religious roots in the rocky soil of his childhood. His first religious experiences, not so meaningful, were the rough ground of his fragile existence. With nanny Resi Wittek's sudden disappearance, the tender affective and religious roots of Freud's psyche practically lost their initial momentum, and he attempted to compensate for that loss with his mother's care and affection, which was beyond her. She could offer him support only at the narcissistic level (young and beautiful). He received this affective and religious support from his father, Jacob, much later, when his foundations were already impaired. As a child, without solid roots, Freud felt abandoned, and, in his adolescence, declared himself an atheist influenced by a cultural atmosphere permeated by scientificism and radical anticlericalism. Without deep affective and religious roots at experiential level, Freud could not be a vibrant tree in the religious and spiritual dimension, despite the fact that he worried so much about it.

Key words: Social and religious practices; Religious identity; Anticlericalism; Family dynamics; Atheistic scientificism.

Referências

BÍBLIA SAGRADA de Jerusalém. Português. São Paulo: Paulinas, 1985.

BIRMAN, Joel. **Freud & a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DELOUYA, Daniel. **Entre Moisés e Freud**: tratados de origens e de desilusão do destino. São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2000.

- FEUERBACH, Ludwig von. **A essência do cristianismo**. Campinas: Papirus, 1997.
- FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. (1914b). In FREUD, Sigmund **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974. v. 13. p. 287.
- GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HERRERA FERNANDEZ, Ricardo Cabezas de. **Freud, el teólogo negativo**. Salamanca: Editora de la Universidad Pontificia, 1989.
- JONES, E. **The life and work of Sigmund Freud**. New York: Basic, 1961. v. 1.
- JORGE, Marco A. Coutinho; FERREIRA, Nadiá P. **Freud: criador da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas: Verus, 2005.
- LIBÓRIO, Luiz Alencar. **A existência humana e a dimensão psicorreligiosa**. Recife: Unicap, 2005.
- MORANO, Carlos Domínguez. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Loyola, 2003.
- PALMER, Michael. **Freud e Jung: sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 2001.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do vínculo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- RIZZUTO, Ana-Maria. **Por que Freud rejeitou Deus? Uma interpretação psicodinâmica**. São Paulo: Loyola, 2001.
- RIZZUTO, Ana-Maria. **The birth of the living God: a psychoanalytic study**. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
- WINNICOTT, Donald W. **L'enfant et sa famille**. Paris: Payot, 2002.
- WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (Org.). **O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião**. Petrópolis: Vozes, 2003.